



## IOM HA SHOÁ VE HAGVURÁ

Em 27 de Nissan comemoramos Iom Ha Shoa ve Hagvurá, o dia do Holocausto e do Heroísmo Judeu, lembrando a morte de mais de seis milhões de judeus na zona ocupada pelos nazistas na Europa.

Talvez seja demasiadamente difícil dimensionarmos o que significa tamanha atrocidade. Seis milhões de inocentes morreram, pelo único fato de “serem judeus”.

Recordo, ao longo dos anos, ter tido o privilégio de ouvir os testemunhos de diversos sobreviventes que contavam o que haviam vivido, com lágrimas nos olhos, com o único objetivo de transmitir a história para a próxima geração. Somos a última geração que vai ouvir a verdadeira história da Shoá na primeira pessoa. Dentro de alguns anos, ela passará a formar parte dos livros de História, e então, mais do que nunca, deveremos cumprir com nosso dever de “contar a história”, a verdadeira - já que, apesar de tudo, alguns se empenham em dizer que a Shoá nunca existiu.

Porque na Shoá não morreram apenas seis milhões de judeus, mas também seus mundos, suas ilusões, seu futuro, sua descendência e seus sonhos. Na Shoá, morreram muitos mais.

Lembro-me, como se fosse hoje, de ouvir por dois minutos, em Israel, uma sirene que recordava este trágico acontecimento do norte ao sul do país. Um som paralisante, que fazia que todos estremecerem numa de respeito, tristeza e lembrança.

O primeiro genocídio da literatura bíblica é precedido de silêncio, esse mesmo silêncio que não responde à pergunta do porquê da Shoá. Quando Caim mata Abel, a Torá nos diz:

*“E disse Caim a Abel seu irmão.... e quando estavam no campo levantou-se Caim contra Abel, e o matou”.*

As reticências são a chave para tentar elucidar o que aconteceu naquele momento pois, sem dúvida, há um silêncio no texto. O que disse Caim a Abel antes de matá-lo? Não sabemos. Mas podemos aprender que, perante o assassinato, NÃO há palavras. Nem antes, nem depois. Não há palavras que possam explicar o inexplicável.

Da mesma forma, não podemos deixar que o silêncio nos vença. Porque temos uma obrigação tanto para com os que morreram como para com os que sobreviveram: CONTAR A HISTÓRIA.

Elie Wiesel, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, disse:

*" ...Hoje como hoje, ser judeu é testemunhar. Ser testemunha do que se é, e do não se é mais. A ideia de que cada um de nós está habilitado a falar em nome de todos nunca foi mais verdadeira que agora. Só que, agora, cada judeu fala também em nome dos judeus que já não existem. Difícil demais? Ser judeu é buscar o difícil, para depois superá-lo. Quer testemunhemos com alegria, relembrando o renascimento de Israel, ou com raiva, recordando as cinzas da Shoá, o que conta é a voz que dá ao testemunho seu valor humano, mesmo que não permanente. O que conta, também, é a atitude interior que temos perante ao que transmitimos. De minha parte, nenhum testemunho me parece válido, a menos que a testemunha se identifique com ele... "*

Hoje, todos sobrevivemos de alguma maneira à Shoá; por isso, não temos opção - nosso compromisso é manter viva a memória dos que não estão. Por eles, por nós, e pelos que virão.  
NUNCA MAIS !

**Rabino Marcelo Bater**

Comunidad Dor Jadash, Buenos Aires, Argentina

